

# “Extramuros” – A Psicanálise do Futuro

Conferência apresentada na IX Jornada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre, 25 e 26 de novembro de 2011 no painel “O futuro da psicanálise na formação” com Ana Rosa Chait Trachtenberg e Cláudio Eizirik, coordenado por Júlio Campos.

---

**Ana Rosa Chait Trachtenberg**

Didata e Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

O instigante tema do futuro da psicanálise nos convoca a pensar com perguntas, e eu gostaria de compartilhá-las com vocês, público, e com os colegas da mesa.

1) O que sabemos sobre o futuro? Quem sabe sobre o futuro?

Alguém diria: o futuro a Deus pertence... Com isso, temos uma ideia das incertezas que o futuro nos provoca e de que não há cartas que possam revelá-lo.

2) Poderíamos falar sobre o futuro da formação psicanalítica a partir de diferentes ângulos, como, por exemplo, o tão conhecido tripé da formação: análise pessoal, supervisão e seminários.

3) Podemos falar sobre os modelos de formação propostos pela IPA<sup>1</sup>, a saber: o modelo francês, o uruguaio e o clássico.

4) Podemos falar especificamente de currículos, de seminários e suas inovações (por exemplo, inclusão da formação em psicanálise da infância e adolescência, da psicanálise dos vínculos) ou ampliações (seminários de Filosofia, Arte, Interfaces, etc.) e sua abrangência.

---

<sup>1</sup> Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Sigmund Freud em 1910.

5) Podemos falar das novas fronteiras para a IPA.

6) Podemos falar sobre que psicanalistas queremos formar e qual formação podemos oferecer, e por aí vamos...

Sem dúvida, poderíamos seguir aumentando a quantidade de itens, todos eles de relevância para a proposta desta mesa. Entretanto, quero me deter em alguns pontos:

1) América Latina: são bastante conhecidos de todos nós o passado e o presente da psicanálise na e da América Latina (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, Venezuela, México) tanto em seu aspecto numérico (vinte e nove sociedades psicanalíticas ligadas à IPA) quanto no que tange à produção intelectual teórica, bem como, ainda, no que diz respeito ao seu reconhecimento nos demais continentes.

Entretanto, há outra América Latina não penetrada pela Psicanálise.

Alguns dirigentes visionários entenderam que esses territórios poderiam e mereciam ser banhados por uma nova psicanálise, com a abertura de novas fronteiras em nosso continente. Criou-se, assim, o ILAP – Instituto Latino-Americano de Psicanálise (IPA e FEPAL<sup>2</sup>), que leva a psicanálise a lugares onde a IPA não está presente, com programas de formação psicanalítica adaptados aos diferentes países, com jornadas de difusão, seminários presenciais e virtuais, supervisões presenciais e virtuais, e análises condensadas. Através do ILAP, um novo mapa da psicanálise na América Latina vai-se desenhando. O ILAP se desloca, periodicamente, a países como Bolívia, Panamá, Honduras, Equador, brindando e fomentando a formação de psicanalistas de acordo com os critérios da IPA.

Se isso é o futuro, não sabemos, mas sim podemos dizer que é trabalhar pelo futuro e para o futuro.

2) África: o continente africano era, até pouquíssimos anos, virgem de psicanálise da IPA. A psicanálise esteve, nos anos de *apartheid*, praticamente banida da cultura sul-africana. Vários profissionais sul-africanos

<sup>2</sup> Federação Latino-Americana de Psicanálise.

da área “psi” foram ao continente europeu em busca de formação. Retornando ao país, introduziram (ou reintroduziram) o pensamento e a prática psicanalíticos no sul do continente africano, onde a carência de atendimento psicoterápico, psicanalítico à população é muito grande. Graças à iniciativa desses colegas, abriu-se a possibilidade da criação de um Grupo de Estudos Psicanalíticos, ligado à IPA, que já oferece formação psicanalítica e está a caminho de ser a primeira sociedade componente da IPA da África, justamente na África do Sul, nas cidades de Johannesburgo e Cidade do Cabo.

A África do Sul tem mostrado um florescimento e um entusiasmo pela psicanálise pouco referidos em outros lugares do mundo, não só pelo interesse em formação psicanalítica, mas também pelo caráter de profundo compromisso, por conduzir a psicanálise, enquanto instrumento com enorme potencial para ajudar os sujeitos a pensar, até a comunidade. Tenho tido o privilégio de participar desse processo nos últimos dois anos, graças ao trabalho de *Sponsoring Committee*, nomeado pela IPA, junto aos colegas Samuel Zysman, da Argentina, e Kimberly Larry, dos EUA.

Dessa passagem pelas novas fronteiras geográficas da IPA, eu gostaria de propor uma discussão em torno de outras fronteiras, quais sejam, as fronteiras de nossa ação como psicanalistas. Refiro-me às fronteiras que estão além de nosso trabalho clínico, fundamental para a criação e a renovação de nossa identidade psicanalítica, ao lado do estudo teórico e das supervisões, a qualquer momento, de nossa vida profissional, seja enquanto formação formal (vale a redundância) ou ao longo de nossas vidas.

Refiro-me ao olhar e também à ação que necessita ser incluída na psicanálise e no psicanalista enquanto sujeito pela realidade social, pela cultura, pelos acontecimentos de nosso tempo, que nos atravessam, inexoravelmente. É lá, nos extramuros de nossos consultórios, onde também nos constituímos diariamente como novos sujeitos e novos profissionais.

O sujeito é, também, um sujeito do grupo, nos diz René Käes (TRACHTENBERG et al., 2011). Estamos constituídos pelo social, e se faz necessário olhar também para esse lado de nós mesmos.



Proponho que pensemos em formação psicanalítica desde uma ótica descentrada da formação psicanalítica tradicional e conhecida por todos. Pensemos que nossas instituições possam ser permeáveis a uma constante construção de subjetividade, pois não formamos apenas novos psicanalistas e, sim, novos sujeitos.

Baseio-me na ampliação da metapsicologia que está proposta por Isidoro Berenstein e Janine Puget, que entendem que a subjetividade se constrói constantemente a partir do trabalho vincular, bem como pelo espaço trans-subjetivo. Assim sendo, os vínculos entre colegas, com coordenadores de seminários e com a instituição passam a ser, em si mesmos, formadores de subjetividade.

Um olhar para o social, o entendimento de uma formação ampla, com a inclusão de novos paradigmas, como o entendimento da capacidade da psicanálise, bem como a participação das instituições e dos psicanalistas na prevenção da saúde mental da população na construção do sujeito psicanalista, representam, no meu entendimento, uma formação voltada para o futuro.

Daí a necessidade de perguntas como “o psicanalista pode exercer uma função social, de utilidade pública, de saúde pública (fazer *outreach*)?”, “pode trabalhar em prevenção de saúde mental?”.

Isso representaria um afastamento da formação psicanalítica, da atitude e da identidade psicanalíticas ou, pelo contrário, estaria contribuindo para a formação de novos sujeitos, novos psicanalistas voltados e comprometidos com o intrapsíquico, mas também com o mundo em que vivemos, representado pelo espaço transpsíquico.

Essa expansão da psicanálise é uma construção de futuro – a psicanálise do presente e do futuro – ou é uma ameaça para a psicanálise? Faz parte das incertezas nas quais todos nos inscrevemos, para observar e participar do passado, do presente e do futuro.

Por alguma razão que não sei bem qual é, recordei um antigo jargão da década de 70 do lendário jornal *O Pasquim*: “lúcido, coerente e inserido no contexto”. Talvez a lembrança tenha vindo por pensar que uma nova faceta nos extramuros, representada pela frase que acabo de citar, se faz

necessária urgentemente. Sejam, geração de fundadores de uma sólida e fértil instituição psicanalítica, como é o caso da SBPdePA, suficientemente lúcidos para poder ser revolucionários, no sentido utilizado por Donald Meltzer. E, inseridos em nosso contexto sociocultural, entender que a Psicanálise é mais rica e tem mais a oferecer do que aquilo que sábia e felizmente pode e deve brindar aos nossos pacientes. É lá, no intramuros de nossos consultórios, o lugar de guarda e cuidado das incoerências do nosso inconsciente, pensando naquilo que pode ser oferecido às novas gerações.

Não me parece muita ousadia pretender, desde o nosso lugar de psicanalistas que pensam no futuro, seguir Donald Meltzer naquilo que ele chamou de “espírito revolucionário” no texto “Revolução Permanente das Gerações” (MELTZER, 1979).

Ele reconhece que há verdadeiras lacunas entre as gerações, marcadas pela proibição ao incesto, impostas pela realidade psíquica, e que as gerações não se entendem, pois falam línguas diferentes. Nos ajuda a desfazer alguns estereótipos, tais como “os adolescentes são rebeldes ou revolucionários” e “os adultos são conservadores”, etc. Logo diz que a população política pode, do ponto de vista da realidade psíquica, ser dividida em duas gerações distintas, com três grupos dentro de cada geração. Uma geração dos 18 aos 50 e outra dos 50 aos 80 anos. Dentro de cada uma delas estão os rebeldes, os conservadores e os revolucionários. São estados mentais ou realidades psíquicas diferentes entre si que podem estar no intrapsíquico de cada sujeito, independentemente de sua idade.

A **rebelião** inclui todos aqueles estados relacionados com o auge do complexo edípico, no qual a luta contra o incesto ainda é preponderante. Caracteriza-se pelo desprezo ao passado, a voracidade pelo poder, o ressentimento contra a autoridade, a idealização da novidade e a descrença na importância da experiência para o desenvolvimento da sabedoria. Meltzer diz: Vital, aos 15, torna-se antissocial aos 25.

O **conservadorismo** é o estado mental resultante da regressão aos mecanismos da latência, e seu desejo de obter estabilidade a qualquer preço o inclina a sacrificar o crescimento e o desenvolvimento, da mesma forma que sacrifica a paixão sexual a favor do conforto.



O **espírito revolucionário** surge com a discriminação entre objetos internos e externos, com a resignação pela falta de comunicação com a geração mais velha e pela limitação da compreensão que poderá ter com relação aos mais jovens. Desperdiçar seu tempo de vida (considerado como uma dádiva) é seu grande medo, mas se inclina a esperar pela inspiração, vinda de seus objetos internos, e pelas oportunidades vindas de fora. Tende a trabalhar com esforço e a olhar para frente com alegria, para a vinda de uma nova geração para a qual poderá passar a responsabilidade pelo mundo, enquanto se volta para a introspecção e para a busca da sabedoria.

## Referências

- MELTZER, Donald. **Estados Sexuais da Mente**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- TRACHTENBERG, A. R.; PIVA, A.; HAEBERLE, D.; PEREIRA, D.; SOARES, G.; AVRITCHIR, R.; MELLO, V. Porque René Kaes? **Psicanálise**: Revista da SBPdePA, v 13, n.1, 2011.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Ana Rosa Chait Trachtenberg  
Rua Mostardeiro, 05 / 806  
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: anarosact@terra.com.br